

# **A formação docente pela lente do memorial como instrumento de reflexão**

Iara Leticia Leite de Oliveira<sup>1</sup>

## **GD7 – Formação de Professores que Ensinam Matemática**

Resumo do trabalho. Essa proposta de trabalho nasceu de minhas experiências como estudante do curso de Licenciatura em Matemática na Universidade Federal de Lavras durante a disciplina de estágio supervisionado. Nessa disciplina a proposta era que os estudantes narrassem suas experiências de estágio por meio do memorial de formação. Construir esse memorial foi um rico processo de reflexão e a partir daí surgiu essa proposta de pesquisa: estender essa escrita do memorial de formação aos professores atuantes no ensino básico. Sob uma abordagem qualitativa o cenário dessa pesquisa a ser desenvolvida durante o mestrado envolve o contexto profissional de atuação dos colaboradores atrelado a sua formação continuada. Assim, está norteada pela seguinte questão de pesquisa: que percepções/representações os professores mobilizam para a reflexão do “ser professor” por meio da escrita do memorial de formação? Como objetivo geral deste trabalho vislumbramos investigar as percepções/representações que os professores mobilizam ao refletir sobre o “ser professor” através da escrita do memorial. Para auxiliar e buscar responder a questão norteadora e atender ao objetivo geral a pesquisa se divide em alguns objetivos específicos que buscam: perceber como se desvela a construção da identidade profissional docente; identificar os elementos que emergem na escrita de si sobre o processo de formação; analisar a constituição do ser professor mediante o processo de escrita de si. Para realizar a análise de dados elegemos a metodologia de Análise de Conteúdo.

**Palavras-chave:** Memorial de Formação; Escrita de Si; Formação Continuada de Professores; Educação Matemática.

### **Introdução**

Todos nós temos uma história para contar... E muitas são as histórias e os cenários que compõem minha jornada acadêmica. Todas acompanhadas de experiências, preocupações, inquietações e questionamentos que surgiram ao longo do curso de Licenciatura em Matemática na Universidade Federal de Lavras (UFLA). Essas vivências se deram por meio da participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC), no Programa de Apoio ao Primeiro Projeto para Professor (PAPP)<sup>2</sup>, nos eventos acadêmicos da área educacional, nas disciplinas que compõem a grade curricular do curso, principalmente aquelas voltadas para a Educação Matemática, e dentre essas, em especial, a disciplina de Aspectos Didáticos e Pedagógicos do Ensino da Matemática.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Ouro Preto, e-mail: iaraleticia0710@hotmail.com, orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Rosana Areal de Carvalho e coorientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva.

<sup>2</sup> Este projeto da UFLA tem como propósito dar apoio a execução de projetos que tenham impacto no ensino de graduação, com interface na pesquisa científica, tecnológica, ou de inovação, ou na extensão, realizados por docentes da UFLA.

O propósito dessa disciplina era orientar os estudantes (futuros professores de Matemática) acerca das vivências no Estágio Supervisionado por meio de contínuas reflexões e discussões de referenciais teóricos e relatos sobre experiências na sala de aula. Portanto, é nessa nuance de acontecimentos que se deu a proposta desse trabalho e mais, especificamente, através de um elemento dessa disciplina.

Talvez possa surgir o seguinte questionamento: que elemento tão especial havia nessa disciplina a ponto de gerar essa proposta? O que fez com que se tornasse tão especial? Nessa disciplina, a professora responsável propôs uma forma diferenciada de registrar os momentos vividos no estágio, era o *memorial de formação* sendo este o elemento especial que deu sentido a essa proposta de pesquisa. Como foi construído em fases, primeiramente o foco se deu sobre nossa trajetória acadêmica, ou seja, escreveríamos *uma autobiografia* com o intuito de nos “apresentarmos” pontuando as experiências mais marcantes durante todo o processo de ensino e aprendizagem, principalmente aquelas relacionadas à Matemática, do jardim de infância à universidade. Em uma fase posterior a professora lia os memoriais e fazia algumas intervenções como: “O que significa isso para você?”, “Que sentimento foi despertado em você a partir desse fato?”, “Qual seu olhar para essa atitude?”, “Você acredita que esse fato te influenciou?”. Esses questionamentos eram extremamente importantes, pois eram uma forma de nos fazer refletir acerca dos fatos que tinham ocorrido conosco, sendo esta uma característica muito marcante do memorial de formação.

Para dar continuidade ao processo de escrita, o memorial era devolvido para que pudessemos desenvolver mais aquilo que havia sido pedido, bem como, acrescentar outras experiências que estávamos vivenciando no estágio e, simultaneamente, trazer referenciais teóricos que nos ajudassem a justificar e dar suporte as nossas argumentações. Esse era um momento de diálogo entre nós e os teóricos da área, que nos faziam olhar o campo educacional com outros olhos ou um olhar mais ampliado. Outra fase que enriquecia o memorial eram as leituras dos memoriais em algumas aulas. Ao ouvir o que os colegas liam podia lembrar de fatos que também faziam parte da minha trajetória ou então podia fazer uma reflexão por outro ponto de vista. Esses momentos expandiam nosso olhar para perceber os elementos que constituíam nossa própria trajetória.

Construir o memorial era um constante processo de reflexão, tanto ao escrever, quanto ao ler para mim mesma ou ao ouvir meus colegas lendo. Portanto, a partir desse processo de construção do memorial surgiu a ideia desse projeto de pesquisa que consiste

em não deixar essa tarefa apenas para os futuros professores. Estendendo essa proposta de levar o memorial para aqueles professores que atuam na Educação Básica. Seria uma oportunidade de dar vez ao professor e parar para ouvi-lo, ou melhor, deixá-lo escrever. Para prosseguir com nossa discussão acredito ser necessário compreender o que vem a ser o memorial de formação, para isso trago alguns referenciais teóricos.

### **Narrando algumas trilhas do universo educacional ...**

Desde o final dos anos 70, a autoformação, os métodos biográficos e as biografias educativas assumem uma importância crescente no universo educacional (NÓVOA, 1995). Isso se reflete em algumas pesquisas que utilizam esses escritos como instrumento de coleta de dados ou como instrumentos de avaliação no caso de processos seletivos de candidatos para projetos em universidades ou para pós-graduação. A partir daí, podemos verificar que esse tipo de escrita vem ocupando um importante espaço na comunidade educacional, como uma prática, assumindo diversas finalidades.

Formar educadores como agentes reflexivos tem sido tratado na comunidade educacional, fato que reflete no reconhecimento desses profissionais como sujeitos transformadores para um tempo novo para o Magistério (PRADO; SOLIGO, 2005). Essa formação reflexiva é uma maneira de contribuir significativamente no desempenho das atividades como educador, visto que isso influencia no modo como o profissional vai atuar em seu ramo. As atividades que seriam simples ou só mais uma atividade, já não se tornam simples apenas, mas desafiadoras, no sentido de que o profissional pode se enriquecer através do pensamento crítico acerca de determinada situação, além de ser uma oportunidade de criar novos conceitos e atitudes, será um espaço de reflexão da formação e prática profissional.

A esse respeito Passeggi et al (2011) colocam que no Brasil, a partir de 1990, as pesquisas sobre a escrita de si no processo de formação e profissionalização docente se expandiram. Sendo assim, o memorial se torna um passo importante para valorizar a escrita dos profissionais da educação, tendo em vista que ao colocar em um papel sua história o educador entra no seu "mundo" e pode ter outro olhar, pois o ler e reler nossa história nos leva a produção de ideias, questionamentos, razões, omissões, inquietações, opiniões ou até mesmo o "eu" que estava escondido nos é revelado, enfim, quando o professor marca o papel e registra suas histórias, de certa forma, ele vai nos marcando, pois

constantemente somos afetados também pela onda de sentimentos que aquele fato provocou no momento da escrita.

Mas, sabemos que se pôr a escrever sobre nossas próprias experiências não é uma tarefa fácil, pois de acordo com Larrosa (2002) o homem é palavra. Por isso, Prado e Soligo (2005) colocam que é preciso convencer esses profissionais de que eles “podem converter as conversas cotidianas – sobre o que pensam e sentem em relação ao que vivem, aprendem e fazem – em conteúdo de um tipo de texto privilegiado para essa finalidade: o memorial de formação” (p. 2). Visto que, naquele espaço e tempo saberes são produzidos por aquele que relata e por aquele que escuta e nesse caminho, somos presenteados e formados com as histórias que são reveladas.

Larrosa (2002) em “Notas sobre a experiência e o saber de experiência” expõe:

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras (p. 21).

A palavra, a partir dessa perspectiva, dá oportunidade ao outro de entender não só aquilo que fazemos, mas o que estamos pensando e refletindo sobre o nosso fazer. Assim, o memorial é uma forma de colocar tais ideias em prática. Mas antes, vale ressaltar que há uma diferença entre os termos biografias, autobiografias e memorial de formação os quais serão discutidos a seguir.

Segundo Pineau (2006) a biografia é um gênero literário que consiste na escrita sobre a vida de outrem, já a autobiografia trata-se da escrita da própria história, no qual o ator e o autor se sobrepõem sem outro mediador explícito.

Para caracterizar o que vem a ser um memorial de formação será necessário discutir alguns pontos como a importância das narrativas, das memórias e por último o que é um memorial de formação.

### **O Memorial de Formação: aspectos teóricos**

As nossas histórias sempre têm um destino: ou são contadas ou são lidas. E a narrativa é uma das formas de se organizar essas histórias. Nelas expomos, narramos ou relatamos algum fato, ou seja, a narrativa é um tipo de discurso que presume uma sucessão de acontecimentos possibilitando a revelação destes (PRADO; SOLIGO, 2005), a partir das histórias que foram escolhidas em relação ao todo, trazendo a nós não explicações, mas interpretações. Afinal, uma narrativa não é para explicar algo, mas deixar que nos

coloquemos em uma posição de interpretadores, logo múltiplas são as interpretações, sentidos e relações que podemos ter em uma narrativa. Essa multiplicidade de significados que emergem e o contexto dos acontecimentos que foram escolhidos para serem narrados se relacionam com outras histórias ou com a nossa própria história.

A narrativa requer uma organização do pensamento, mas não exige uma estrutura nem uma ordem cronológica. É uma oportunidade de deixar livre nossas memórias, fazendo um vai e vem, sem se “preocupar” com a exatidão, mas com aquilo que nos toca, mexe, remexe e nos faz reviver. Na perspectiva de Bruner (2001) “é por meio de nossas próprias narrativas que construímos principalmente uma versão de nós mesmos no mundo” (p. xi), pois trata-se de um momento no qual podemos dar novos significados as nossas experiências.

Sendo assim, na produção de uma narrativa não podemos concluir que há um personagem principal, pois ela tem uma interseção, uma relação, uma interação com outras histórias e experiências, ela nos faz voltar ao passado e resgata outras histórias, ou seja, de acordo com as ideias de Benjamin *apud* Prado e Soligo (2005) resguardamos uma história do esquecimento quando a contamos. Esse processo gera a possibilidade dela ser novamente contada e de outras formas; o sentido dessas histórias só é construído na relação com outras histórias e sob a ótica do outro, afinal, quando lemos ou ouvimos alguma narrativa os fatos logo nos despacham para nossas próprias histórias e então a partir de outras histórias podemos construir ou reconstruir nossa própria história.

Por meio das ideias de Halbwachs (1990) podemos afirmar que a narrativa é uma forma de memória coletiva, pois, apesar de ser realizada solitariamente ela sempre esbarra no contato com o outro, ou ainda, está impregnada por concepções que vem do social. Portanto, olhamos para uma determinada situação “com os nossos olhos e com os olhos de um outro” (p. 30).

Na minha concepção a arte de narrar é artesanal. Feita por meio de recursos que não são muito sofisticados. Nesse processo, acionamos nossa memória, visitamos e recordamos o nosso passado, que por vezes nos causa medo, angústia, felicidade, satisfação, dentre tantos outros sentimentos que afloram. A partir daí, escolhemos, com todo cuidado e minúcia, aquilo que iremos manifestar e materializar. Pensamos, refletimos e, quem sabe, vivenciamos novamente, mas talvez com outro olhar, com outro sentido. Paramos mais um tempo para analisar cada fato, não nos preocupamos com o relógio, afinal, aquilo de que estamos falando, trata-se nada mais, nada menos, do que nossa própria história que será

contada por nós ou por outros. É... Narrar é uma arte! Escrever é uma arte, escolhemos as palavras, cada uma no seu devido lugar. E a nossa aliada para fazer essa arte é a memória, sem ela nada faríamos, nada moveríamos.

A memória é o início de todo o caminho para a produção de uma narrativa. Halbwachs (1990) considera que nossa memória se apoia na história vivida e conceitua a memória como “uma faculdade propriamente individual – ou seja, que aparece numa consciência reduzida a seus únicos recursos, isolados dos outros, e capaz de evocar, por vontade ou por acaso, os estados pelos quais passou antes” (p. 76). Desse modo, podemos fazer contato com nossas antigas impressões por meio da memória.

Esse processo de escrita de memórias, relatando eventos memoráveis, é denominado memorial (PRADO; SOLIGO, 2005), ou seja, é uma forma de narrar nossa história por escrito. Ainda sob o ponto de vista desses autores o memorial de formação é:

o registro de um processo, de uma travessia, uma lembrança refletida de acontecimentos dos quais somos protagonistas.

Um memorial de formação é um gênero textual predominantemente narrativo, circunstanciado e analítico, que trata do processo de formação num determinado período – combina elementos de textos narrativos com elementos de textos expositivos (PRADO; SOLIGO, 2005, p.7).

Dessa maneira, o memorial de formação é a escrita das próprias experiências do sujeito e escrevê-lo é fazer um exercício constante de interrogação dessas experiências para retomar não só as recordações, mas aos fatos significativos que dão sentido ao que vivência hoje, além de ser um exercício de linguagem, onde os fatos não são alterados, mas as interpretações sim.

Mas, o que vem a ser essas experiências? O que consideramos por experiências? Segundo Larrosa (2002) experiência é “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (p. 21). Em nossos tempos poderíamos dizer que a experiência tem sido uma relíquia, um artigo de luxo, pois ela

requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes (...) abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço” (LARROSA, 2002, p. 24).

Escrever sobre aquilo que nos acontece não é relatar toda a nossa vida, mas somente aquilo que nos marcou de alguma forma. E todo esse processo de escrita do memorial de formação faz com que o autor se torne ao mesmo tempo narrador, escritor e

personagem de sua história no que diz respeito aos acontecimentos da vida, da experiência de formação e da prática profissional, não seguindo uma ordem cronológica. E no que diz a respeito:

“a história não é todo o passado e também não é tudo o que resta do passado. Ou, por assim dizer, ao lado de uma história escrita há uma história viva, que se perpetua ou se renova através do tempo, no qual se pode encontrar novamente um grande número dessas correntes antigas que desapareceram apenas em aparência” (HALBWACHS, 1990, p. 86).

Ao se colocar a escrever ou a ler o próprio memorial ou de outra pessoa o sujeito revisita sua memória, compartilhando com o outro sua história. Todo esse processo pode proporcionar um novo ponto de vista, um encorajamento diferente, um novo ânimo e até mesmo uma ousadia sem igual. Isso desencadeia transformações e um processo de novas significações e reflexões.

Com a produção do memorial aprendemos uns com os outros, por isso concordo com a ideia de Placco e Souza (2006) que “a aprendizagem do adulto resulta da interação entre adultos, quando experiências são interpretadas, habilidades e conhecimentos são adquiridos e ações são desencadeadas” (p. 17). Assim, a escrita tem um papel de aprendizagem e produção de conhecimentos.

Construir o memorial pode ser uma forma de elaborar novas propostas sobre a formação de professor e sobre a profissão, é um processo voltado não apenas para o futuro, mas também para o passado, é uma ação que pode trazer outro olhar sobre os mesmos sonhos. Por isso, Mello (2005) aponta que para entender uma história é preciso a percepção do outro e de que o lugar que se ocupa no presente interfere na compreensão do passado, bem como no seu desdobramento para o futuro.

A escrita do memorial pode possibilitar ao professor construir, redescobrir ou reconstruir sua identidade profissional e de acordo com Romanowski (2010) esse processo de formação identitária se dá no “desenvolvimento permanente, coletivo e individual, no confronto do velho com o novo, frente aos desafios de cada momento sócio-histórico” (p. 18), visto que, esta não nasce pronta, mas se constrói ao longo de sua jornada profissional. Portanto, o memorial é essa fonte no qual o professor pode constituir sua identidade, se apropriando do sentido de sua história profissional e pessoal.

Olhando na perspectiva que Ferraroti (2010) nos indica, o ser humano sempre está em busca de compreender seu cotidiano, problemas e tensões. Assim, a escrita de si mesmo se torna uma chave para que se possa estruturar um tipo de metodologia que se baseia nas experiências individuais e sua interlocução com o coletivo. Nesse sentido, pode

haver a compreensão do cotidiano sob o ponto de vista do sujeito que narra sua própria história.

A construção do memorial e sua utilização é fruto da curiosidade em saber o que acontece detrás da porta de uma sala de aula de Matemática, é produzir algo mais próximo das realidades educativas e do cotidiano dos professores. Enfim, na escrita do memorial resgatamos histórias, memórias, lembranças, vivências de um tempo... do nosso tempo. Eis aí a grande riqueza na produção de um memorial de formação.

### **Investigando o quê?**

Essa proposta deste trabalho de Mestrado está norteada pela seguinte questão de pesquisa: *que percepções/representações os professores mobilizam para a reflexão do “ser professor” por meio da escrita do memorial de formação?* E tem como objetivo geral investigar as percepções/representações que os professores mobilizam ao refletir sobre o “ser professor” por meio da escrita do memorial de formação. Assim, para auxiliar e buscar responder a questão norteadora e atender ao objetivo geral, a pesquisa se divide em alguns objetivos específicos que buscam:

- Perceber como se desvela a construção da identidade profissional docente;
- Identificar os elementos que emergem na escrita de si sobre o processo de formação;
- Analisar a constituição do ser professor mediante o processo de escrita de si.

### **Metodologia**

A presente proposta se caracteriza por uma abordagem qualitativa, visto que “a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória, etc.” (GOLDENBERG, 1999, p.14).

O cenário da pesquisa envolve o contexto profissional dos colaboradores atrelado a sua formação continuada, visto que os professores de Matemática participantes da pesquisa deverão estar atuando em algum nível do Ensino Básico e serem mestrandos no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (Mestrado Profissional) de uma universidade pública. A escolha desse cenário se justifica devido ao espaço de formação que é criado nesses ambientes, visto que o professor atuando na sala de aula não apenas ensina, mas também aprende e se constitui como professor. Todo esse processo conectado ao mestrado



possibilita ao professor se formar continuamente e estabelecer laços entre o Ensino Básico e o Ensino Superior.

A dinâmica de trabalho desta proposta se dará através do acompanhamento de um grupo com 15 professores de Matemática, os quais irão produzir um memorial de formação narrando sua trajetória docente.

A partir dessa definição, haverá um primeiro momento em que a pesquisadora fará o convite a esses profissionais explicando o que vem a ser a pesquisa para possam conhecer a proposta da pesquisadora. Após o convite, será realizado outro encontro com o intuito de apresentar o que vem a ser o memorial de formação, no caso desses ainda não conhecerem, para que possam familiarizar com esse instrumento de formação. Nesse encontro, será apresentado direcionamentos aos colaboradores para auxiliá-los na construção do memorial.

Durante toda a investigação a pesquisadora se encontrará, de quatro a cinco vezes<sup>3</sup>, com esse grupo de professores a fim de auxiliá-los no processo de construção do memorial, fazendo desses encontros um espaço de diálogo para que os professores possam relatar o processo de escrita do memorial e partilhar as experiências vividas. Esse memorial será produzido em etapas, primeiramente será feita uma autobiografia que trará elementos da trajetória acadêmica desse professor, resgatando suas memórias desde a Educação Básica até a Universidade. Posteriormente, esse professor escreverá sobre sua trajetória profissional, destacando seu processo de constituição como professor e algumas de suas vivências no cotidiano escolar.

As pesquisadoras manterão diálogo frequente com o professor, visto que isso propicia a proximidade entre os sujeitos envolvidos na pesquisa e irá auxiliar o professor nesse processo. Manter esse diálogo facilitará as intervenções que serão realizadas no memorial de formação. Essas intervenções não serão uma forma de julgamento de valor acerca do sentido daquilo que foi construído, mas, um caminho que poderá levar o profissional docente a refletir sobre seu ofício, sempre valorizando as construções realizadas.

A partir disso, as pesquisadoras farão a leitura do memorial de cada professor conduzindo-o a refletir sobre a profissão docente e a partir disso a pesquisadora irá investigar como desvela-se a construção da identidade docente, bem como, identificar

---

<sup>3</sup> Os encontros serão realizados entre o 2º semestre de 2015 e 1º semestre de 2016, sendo assim, haverá 1 encontro em 2015 e 4 em 2016.

elementos que indicam as contribuições que a relação com o outro traz para a formação do professor e ainda, as possíveis mudanças que podem acontecer a partir da escrita de si.

A coleta de dados será realizada por meio dos seguintes instrumentos: memorial de formação de cada professor e diário de campo da pesquisadora. E pode ocorrer a necessidade de realizar um grupo focal com os professores participantes. Estes instrumentos foram escolhidos, pois possibilitam ao pesquisador adentrar no cenário de investigação e assim participar ativamente de todo processo.

O memorial de formação será o instrumento que cada professor irá utilizar para refletir acerca de sua trajetória docente, assim, será utilizado pela pesquisadora para que possa fazer sua investigação de acordo com o objetivo dessa pesquisa. O diário de campo reunirá as observações realizadas no ambiente que a pesquisa está ocorrendo, e também reflexões acerca dos fatos ocorridos. Este instrumento possibilita ao pesquisador colocar suas visões acerca do processo de investigação.

Optou-se por ter os encontros com os professores como um espaço de partilha e do memorial de formação como a principal forma de coletar os dados, pois segundo Passeggi (2010)

o memorial é elaborado durante a formação inicial ou continuada, é importante que o exercício de autorreflexão, conduzido durante a escrita, se realize num espaço de partilha, garantido pela instituição, e em grupos reflexivos, formados por pessoas que vivenciam juntas o processo de escrita de si, e que um mediador acompanhe o grupo e facilite seu acesso a um referencial teórico pertinente (p. M).

A partir dos dados coletados é preciso realizar a análise dos mesmos e para isso fora escolhida a metodologia de análise denominada “Análise de Conteúdo”.

### **De que análise estamos falando?**

De acordo com Bardin (2010, p.40) a análise de conteúdo é um “conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”, cuja intenção “é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)”.

Esta metodologia de análise lança o pesquisador a olhar aquilo que está por trás de cada palavra inserida em uma mensagem. Na Análise de Conteúdo, segundo Franco (2008) o ponto de partida é a mensagem. Ao direcionar o olhar para a análise, o pesquisador não se volta apenas para o diálogo que ocorre no cenário de pesquisa, mas também para as diversas situações que ocorrem no mesmo.

A análise de conteúdo se dá por meio de três fases. A primeira fase consiste na pré-análise, onde os dados são organizados e são escolhidos quais documentos irão compor a análise. Processo que se dará através da “leitura flutuante” dos dados, que é um passo inicial que irá possibilitar os primeiros contatos do pesquisador com o material coletado. Nessa fase, já é possível elencar as primeiras impressões, algumas hipóteses e questões, podendo haver a indicação de alguns temas que ocorrem com frequência. A partir disso, são criados indicadores com agrupamentos dos temas destacados antes.

Em seguida é imprescindível a determinação das unidades de registro (ou unidades de significado) e das unidades de contexto. A primeira segundo Franco (2008) se refere à “menor parte do conteúdo, cuja ocorrência é registrada com as categorias levantadas” (p. 41), já a segunda “podem ser consideradas como ‘pano de fundo’ que imprime significado às unidades de análise” (p. 46), visto que os dados são acompanhados de um contexto.

A segunda fase da análise de conteúdo é constituída pela exploração do material, cujo objetivo é agrupar as unidades em grupos menores, que são denominadas categorias. Assim, “a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos” (FRANCO, 2008, p. 59). Esta fase é de extrema importância, pois é a partir dessa que os dados serão analisados. O tratamento dos resultados é última fase e consiste na análise dos dados com bases nas impressões obtidas nas fases anteriores.

Segundo Placco e Souza (2006) “cada aprendiz, à sua moda e em sua circunstância, traz as histórias de suas práticas educativas para servirem como repertório de experiências que merecem ser vasculhadas e exploradas pelos participantes do grupo formador, em todas as suas análises” (p. 38), portanto, esta é uma grande motivação para realizar esta pesquisa.

### **Referências Bibliográficas**

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2010.

BRUNER, J. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. São Paulo: Paulus, 2010, p. 31-57.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise do Conteúdo**. 3.ed. Brasília: Liber, 2008.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, jan./fev./mar./abr. 2002

MELLO, D. M. **Histórias de subversão do currículo, conflitos e resistências: buscando espaço para a formação do professor na aula de língua inglesa do curso de Letras**. 2004. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

NÓVOA, A. **Vida de professores**. 2.ed. Portugal: Porto, 1995.

PASSEGGI, M. C. Memorial de formação. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação. CDROM. 2010.

PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C. VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte/MG, v. 27, n. 01, p. 369-386, abr. 2011.

PINEAU, G. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 329-343, maio/ago. 2006.

PLACCO, V. M. N. S. e SOUZA, V. L. T. **Aprendizagem do adulto professor**. São Paulo, Loyola, 2006.

PRADO, G.; SOLIGO, R. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação.... In: PRADO, Guilherme; SOLIGO, Rosaura (Org.). **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações**. Campinas, SP: Graf, 2005.

ROMANOWSKI, J. P. **Formação e profissionalização docente**. 4.ed. Curitiba: Ibpex, 2010.